

# **ANTÍGONA: ENTRE O LEGAL E O JUSTO**

## *Antigone: At the Crossroads of Law and Justice*

**Adriana da Costa Teles<sup>1</sup>**

A tragédia *Antígona*, de Sófocles (497/496 a.C. — 406/405 a.C.), foi encenada pela primeira vez no ano 441 a.C. em Atenas. Desde então, se passaram mais de dois milênios. Nesse período, o mundo foi palco de profundas e renovadas mudanças. Sua história, porém, permanece profundamente significativa. *Antígona* continua tendo a nos dizer. Aliás, este talvez seja um dos elementos determinantes para uma peça literária ser considerada um clássico. Ela é significativa em períodos e espaços os mais variados.

Um dado curioso é que a tragédia foi revisitada por diversos autores que, impressionados com o conteúdo do mito, originaram versões próprias da história. Para citar alguns exemplos, somente do século XX, temos *Antigone*, do escritor francês Jean Anouilh, escrita durante a ocupação nazista da França, em 1944; na mesma década, *Antígona* foi adaptada pelo dramaturgo alemão Bertold Brecht, a partir da tradução de Hölderlin; nos anos 1960, a filósofa espanhola Maria Zambrano escreveu *A tumba de Antígona*, ressignificando o papel da figura feminina que dá título à peça de Sófocles.

Um dado que pode escapar ao leitor contemporâneo é que o mito que originou a tragédia circulava há séculos em meio aos gregos, na ocasião em que Sófocles compôs sua tragédia. Inserido nas lendas da casa de Lábdaco, rei de Tebas, esse conjunto de histórias, que remonta à tradição oral, é o mesmo que revisita a história de Édipo, aquele

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Literatura Comparada pela FFLCH/USP. E-mail: [adriana\\_c\\_teles@hotmail.com](mailto:adriana_c_teles@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4264048223792184>

que matou seu pai, Laio, e se casou com a própria mãe. Antígona é filha de Édipo e Jocasta, irmã de Ismênia, Etéocles e Polinices. As histórias marcadamente trágicas dessa família seriam contemporâneas ou anteriores à Guerra de Tróia, que possivelmente ocorreu entre 1.300 a.C. e 1.200 a.C., no fim da Idade do Bronze.

Sófocles, Ésquilo (525/524 a.C. — 456/455 a.C.) e Eurípedes (480 a.C. — 406 a.C.) foram os grandes tragediógrafos gregos. Todos eles abordaram, de algum modo, esses eventos lendários acerca da cidade de Tebas. Ésquilo tratou do conflito que envolveu Etéocles e Polinices na disputa pelo poder, após a morte de Édipo, na tragédia *Sete contra Tebas* (c. 467 a.C.). Sua peça serviu como uma espécie de prólogo para a *Antígona*, que Sófocles comporia mais tarde. Afinal, os acontecimentos que assolaram a filha de Édipo surgem como consequência dessa disputa. Sabe-se, ainda, que Eurípedes escreveu uma versão da *Antígona* que, atestam os estudiosos, teria um final diferente da tragédia de Sófocles, mas o texto se perdeu.

*Antígona*, de Sófocles, é a versão do mito que ganhou a posteridade. Ela é parte daquela que é chamada *Trilogia Tebana*, conjunto de três peças do dramaturgo, que inclui, além da tragédia citada, *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. Deve ser observado que Sófocles não compôs as peças na ordem que acompanha a cronologia do mito. *Antígona*, cujos fatos ocorrem após a morte de Édipo, é a primeira que Sófocles escreveu, em 441 a.C., seguida por *Édipo Rei*, de cerca de 429 a.C., e *Édipo em Colono*, de 401 a.C., em uma produção que abrange quase quatro décadas da vida do tragediógrafo grego.

A tragédia de Antígona tem início logo após a morte de Etéocles e Polinices. Vale lembrar, aqui, que os irmãos de Antígona haviam sido amaldiçoados pelo pai. Ao descobrir a verdade sobre sua origem, Édipo se cegou e abdicou do trono de Tebas. Seus filhos, indiferentes ao seu sofrimento, o expulsaram da cidade e se recusaram a protegê-lo. Antígona, diferente dos irmãos, assumiu a tarefa para si, acompanhando o pai no exílio e permanecendo ao seu lado até sua morte. A maldição de Édipo contra os filhos dava conta de que Etéocles e Polinices jamais chegariam a governar Tebas em paz e

por fim se matariam mutuamente em combate pelo trono. É exatamente o que ocorre.

Creonte, irmão de Jocasta, o novo rei da cidade, entende que Etéocles defendeu Tebas e Polinices, que a atacou com um exército estrangeiro, a traiu. Desse modo, ele determina que o primeiro seja sepultado com todas as honras e o segundo seja privado dos ritos fúnebres e tenha seu corpo exposto para ser devorado por animais. A desobediência à sua determinação deveria ser punida com a morte. Antígona, porém, não aceita que um de seus irmãos não seja sepultado e desafia as ordens do tio. Seu argumento é o de que os costumes sagrados e as leis divinas exigem que todos os mortos tenham os ritos cumpridos dignamente. Ismênia, sua irmã, tem medo de Creonte e recua face à iniciativa de Antígona, que cumpre, sozinha, os rituais junto ao corpo do irmão. Creonte, ao descobrir sua desobediência, a condena à morte.

Hemon, filho do rei e noivo de Antígona, tenta convencer o pai a poupar a vida de sua futura esposa. Rechaçado, ele se desespera ao tomar conhecimento de sua resolução. Antígona deveria ser emparedada viva em uma caverna e abandonada até a morte. Quando o profeta Tirésias adverte Creonte de que os deuses estão furiosos com a sua tirania, é tarde demais. Antígona se enforcou. Hemon, ao ver a noiva morta, comete suicídio, o mesmo que fará Eurídice, sua mãe, que, antes de morrer, amaldiçoa Creonte.

A tragédia de Sófocles é de uma envergadura reflexiva gigantesca, a começar pela óbvia problematização da complexidade das questões éticas, avessas a simplificações. Os temas passíveis de serem abordados por meio da *Antígona* extrapolam tentativas simplistas de delimitação. Citamos, aqui, a autoridade, o poder e a tirania; a arrogância que leva à desmedida, a chamada *hybris*, pelos antigos gregos; a lealdade, à família e ao Estado; a coragem e covardia; a lei humana e as tradições culturais e religiosas. *Antígona* fala, ainda, do feminino, de sua capacidade de força e resistência em meio a uma sociedade patriarcal, do conformismo imposto e absorvido na maioria das vezes por elas.

No que diz respeito ao Direito, a tragédia de Sófocles marca sua convergência com a Moral, temática das mais antigas e intrincadas da Filosofia do Direito. Trata-se de uma temática que surge, em Sófocles, em toda a sua complexidade, ao tangenciar a um só tempo os dramas políticos, religiosos, jurídicos e éticos que assolam uma sociedade organizada. No geral, a história de Antígona é utilizada pelos estudiosos das leis para ilustrar o conflito entre Direito Natural e Direito Positivo. O Direito Natural, pautado por regras e princípios universais e imutáveis, fundados na moral e na justiça intrínseca, é inspiração e limite ao direito criado pelo homem. O Direito Positivo é aquele que se liga às normas jurídicas em vigor em um determinado espaço e tempo, posto pela vontade humana, escrito e aplicado pelo Estado.

A personagem Antígona é um símbolo da resistência do indivíduo à opressão que o poder estatal pode representar, um símbolo da lealdade aos princípios morais, que podem ser mais fortes do que a lei coercitiva. Essa obra prima de Sófocles nos leva a refletir sobre o que é legal e o que é justo. Veja que as ideias que ela nos traz estavam presentes nos Julgamentos de Nuremberg. A defesa dos criminosos de guerra se fundamentava em grande parte no fato de que eles estavam cumprindo ordens ou leis do Estado. Essa defesa foi amplamente refutada tendo como base o princípio de que existem crimes, como aqueles contra a humanidade, que violam a lei moral universal e superior.

Nos dias de hoje, as ideias que a tragédia veicula estão presentes em debates como aqueles que asseguram que os Direitos Humanos são inalienáveis, que o ser humano tem direito a uma vida e uma morte dignas. Eis alguns dos motivos pelos quais *Antígona* atravessa milênios e é um clássico que merece ser lido e sempre revisitado!

## REFERÊNCIAS

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.